

## ■ As migrações e o trabalho da resistência

Leonora Corsini

Todos os lugares visitados pelo olhar do céu  
São, para o homem sábio, abrigo e porto seguro.

Ensine-nos a necessidade de pensar assim:

Não há virtude como a necessidade.

Não penses, pois, que fostes exilado pelo rei,

Mas sim que tu o exilaste.

William Shakespeare <sup>1</sup>

O presente texto parte de uma indagação: a migração pode ser uma forma de resistência, em vista das mudanças e transformações por que passa o mundo do trabalho? O ensaio de Paolo Virno<sup>2</sup> sobre a dimensão virtuosística do trabalho imaterial e as novas relações de troca e cooperação que ele propicia convida-nos a pensar a migração como uma forma possível de resistência. Podemos, além disso, também situar a migração como um fenômeno que não se restringe apenas à circulação de mão-de-obra, fluxos de movimentação da força de trabalho disponível para ser utilizada em outro lugar que não o lugar de origem. É migração com um sentido político, opção de saída (*exit*) em busca de novas possibilidades de vida e de inserção produtiva; e a resistência por via da migração constitui historicamente uma linha de fuga para pessoas em todos os tempos e lugares, em um fluxo contínuo, nunca unidirecional, que reflete a incomensurabilidade, a irredutibilidade e a potência da atividade humana. O movimento de saída do migrante teria então, neste sentido, uma dimensão revolucionária.

<sup>1</sup> Ato I de Ricardo II. Tradução de Paulo Rónai.

<sup>2</sup> Virno, Paolo. *Virtuosity and Revolution : the political theory of exodus*. In : Paolo Virno e Michael Hardt (orgs.). *Radical Thought in Italy : a potential politics*. Minneapolis : Minnesota Press, 1995. Deste ponto em diante, referido como " *Virtuosity and Revolution* ".

Paolo Virno<sup>3</sup> diz que a revolução do trabalho imaterial traz em seu horizonte uma constelação de lemas ou insígnias: Desobediência, Intemperança, Multidão, Soviete, Exemplo, Direito à Resistência e Milagre. Para articular migração e resistência, vamos nos deixar guiar por algumas dessas insígnias, termos que se articulam em uma proposta conceitual e teórica também revolucionária.

### **Trabalho imaterial**

No mundo pós-fordista e pós-moderno as relações de trabalho não se pautam mais pela divisão do tempo e pela fragmentação das funções. Trabalho hoje se confunde com a vida, tempo de vida e tempo de trabalho não se separam, assim como também as fronteiras entre criação, produção e consumo são cada vez mais porosas. Segundo Negri,<sup>4</sup> vivemos hoje uma situação em que o trabalho é livre.

O trabalhador não precisa mais de ferramentas de trabalho (ou seja, de capital fixo) que sejam postas à sua disposição pelo capital. O mais importante capital fixo, aquele que determina os diferenciais de produtividade, doravante está no cérebro das pessoas que trabalham: é a máquina-ferramenta que cada um de nós traz em si (op. cit. p. 26).

A riqueza é hoje produzida através da uma contínua colaboração e cooperação entre as pessoas e o assim chamado capital humano, principal valor das organizações pós-fordistas, está assentado, segundo André Gorz, na capacidade incessante de produção de si, de produção da própria vida dos sujeitos que vivem e trabalham, de saberes que se reproduzem e conhecimentos que se constituem e são apropriados.<sup>5</sup> Assim, a organização do trabalho nos moldes fordistas

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Negri, Toni. *Exílio*. São Paulo : Editora Iluminuras, 2001.

<sup>5</sup> Gorz, A. *L'immatériel. Connaissance, valeur*. Paris: Éditions Seuil, 2003. Gorz faz a distinção entre saber e conhecimento: saber é competência, *know-how*, uma prontidão para fazer e agir de uma determinada maneira que é quase automática, saber-fazer corporificado (como, por exemplo, conduzir automóvel ou falar a língua materna). O saber tem, portanto, uma relação intrínseca com o corpo, o sujeito e a ação. O conhecimento é construído com base nos saberes e é homologado pelas instituições e organizações como seu principal valor, como capital (dá a idéia de capital humano), embora esse sentido de valor ultrapasse a dimensão da produção capitalista, sendo reinscrito no âmbito da economia total.

ou tayloristas, com base na divisão das funções, na separação entre trabalho intelectual e trabalho de execução e na necessidade de medir e atribuir valor, é substituída pelas contínuas e cada vez mais amplas redes de produção de saberes, conhecimentos, tecnologias, hábitos, modos de vida, que amplia e intensifica a cooperação entre pessoas e empresas, as trocas e o uso de ferramentas e inovações comuns que dão suporte ao fenômeno da globalização massiva.

Paolo Virno propõe ainda que, à medida que o trabalho imaterial não se esgota na produção de bens materiais ou mercadorias específicas, ele se reveste de uma qualidade "virtuosística", o que confere a esta atividade atributos como imprevisibilidade, capacidade de criar o novo, de executar performances lingüísticas, e possibilidade de "deslizar" entre diferentes alternativas.<sup>6</sup> Virno abre um diálogo com Hannah Arendt<sup>7</sup> em sua formulação da "vida ativa" como uma das dimensões da condição humana (a outra seria a vida contemplativa), segundo a qual as atividades do "trabalho" (*work*), "ação" (*action*) e "labor" (traduzido como *intellect*, no sentido de trabalho corporal, mas que também inclui o intelecto) constituiriam três atividades interdependentes porém com momentos distintos: quando uma destas atividades emerge, as outras ficam eclipsadas. Para Virno, contudo, a linha divisória entre as três atividades desaparece no *general intellect*, dando lugar à coalizão entre ação e trabalho, entre trabalho e intelecto, entre o intelecto geral e a práxis política, uma simbiose que aponta para a conformação de uma esfera pública não-Estatal, uma atividade virtuosa e política, que "é o atributo direto do trabalho vivo"<sup>8</sup>.

Por outro lado, de acordo com Lazzarato,<sup>9</sup> a invenção, a cooperação, que marcam e constituem o trabalho imaterial, são acontecimentos fora de qualquer medida. O trabalho imaterial acontece em um espaço comum, universal e sem fronteiras territoriais, composto por múltiplos atores e atravessado por subjetividades em ação. No lugar da força de trabalho que constituía a medida de

<sup>6</sup> Virno, Paolo. "Virtuosity and Revolution", p. 258.

<sup>7</sup> Arendt, Hannah. *The Vita Activa - Labor, work, action*. In : Peter Baehr (Editor). *The portable Hannah Arendt*. New York : Penguin Books, 2000.

<sup>8</sup> Virno, Paolo. "Virtuosity and Revolution", p. 263.

<sup>9</sup> Lazzarato, Maurizio. *Puissances de l'invention. La psychologie économique de Gabriel Tarde contre l'économie politique*. Paris : Seuil, 2002.

produtividade e valor nas teorias econômicas clássicas surge a subjetividade, que é incomensurável. A substituição de medidas de tempo e valor da força de trabalho pela subjetividade assinala um momento de ruptura, uma saída, e marca um processo de contínua reinvenção, de uma nova constituição de mundo.

### **Resistência, saída, desobediência**

Tradicionalmente, uma das principais formas de resistência e luta dos movimentos operários consistia na paralisação do trabalho, incluindo greves, boicotes, operações tartaruga etc. Ou seja, armas de luta que supunham uma organização a partir do tempo (tempo dedicado ao trabalho). E hoje, a partir do momento em que trabalho e vida se confundem, em que não mais se distingue tempo de trabalho de tempo de não trabalho e onde a própria noção de tempo é subvertida, quais seriam os instrumentos de pressão, quais seriam as formas de resistência? Caberia pensar em um novo tipo de resistência?

Seria necessário, antes de mais nada, precisar o que entendemos por resistência. Seguindo a proposição de Tatiana Roque,<sup>10</sup> vulgarmente entende-se a resistência como uma força ou energia que se opõe reativamente à outra, um bloqueio que impede um fluxo natural. A resistência, nesse sentido, teria uma dimensão negativa, de oposição, de contrariedade. Mas, segundo a autora, podemos ir além e pensar a resistência como uma existência que se volta sobre si mesma, sobre outras possibilidades de existir que ficam em suspenso, num plano virtual, entre parênteses; isto daria à resistência uma dimensão que não é em si mesma nem totalmente negativa, nem essencialmente positiva. Resistir, nesse caso, incluiria simultaneamente (e não antagonicamente) uma porção afirmativa e uma porção negativa da ação; re-existir, experimentar outras possibilidades que já se encontram virtualmente presentes: "a resistência é a dobra da existência" (op. cit., p. 26).

<sup>10</sup> Roque, Tatiana. Resistir a quê ? Ou melhor, resistir o quê ?. *Revista Lugar Comum. Estudos de Mídia, cultura e democracia*. N. 15-16, set. 2001-abr. 2002. Rio de Janeiro, Rede Universidade Nômade, ed. e-papers.

Essa maneira de pensar a resistência estaria convergente com a idéia de "opção *exit*", opção de saída, termo proposto por Albert Hirschman em Saída, voz e lealdade.<sup>11</sup> Segundo Hirschman, os sistemas sociais, políticos e econômicos apresentam por vezes falhas ou disfuncionalidades que podem ser revertidas, apesar de não se prestar muita atenção a este fato. A opção de "saída", de desistência, faz com que sejam buscadas maneiras de reverter a falha, apresentando-se como uma alternativa à opção de "voz", quando a insatisfação é expressa através do protesto. A opção de saída, na medida em que modifica as condições determinantes do conflito, configura-se como resistência. Hirschman situa voz e saída no contexto das organizações, e sua reflexão toma por base preceitos da economia e da psicologia dos comportamentos, especialmente do mercado (concorrência, lealdade etc.). Por outro lado, Hirschman observa que as opções de voz e saída nem sempre apresentam-se totalmente indissociadas, em estado puro; muitas vezes elas se mesclam, hibridizam-se, como é o caso do boicote, que estaria a meio caminho entre voz e saída. A própria opção de saída tem sempre um componente afirmativo - transformação, ruptura - e um componente negativo/passivo - desistência.

Imigrantes, retirantes, exilados, estariam exercendo a opção de saída no sentido - não passivo - da reversão do conflito, dado por Hirschman. E, ao mesmo tempo, desistência e saída estão convergentes com a idéia de desobediência, um dos lemas propostos por Paolo Virno para a resistência no *general intellect* e no trabalho imaterial.

### **Milagre e êxodo - entre o inusitado e a imutabilidade da natureza**

O milagre, outro dos lemas que Virno<sup>12</sup> utiliza para caracterizar a revolução do trabalho imaterial, é apropriado no sentido de algo que, ao constituir o insólito, o inusitado, desorienta e cria o novo. A idéia de milagre poderia ser relacionada

<sup>11</sup> Hirschman, Albert. *Saída, voz e lealdade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

<sup>12</sup> Virno, P. "Virtuosity and Revolution".

à da ação política anti-Estado, na medida em que interrompe e contraria uma ordem constituída, um processo automático consolidado, através do contrato social, na figura do soberano (o Estado). Esse significado dado a milagre baseia-se na idéia de ação política em Hannah Arendt, ou seja, "um novo começo que interrompe e contraria processos automáticos que se consolidaram como fatos" (Virno, op. cit., p. 285) e também no pensamento teológico-político de Spinoza, cujo "radicalismo democrático confrontaria o valor político do acontecimento miraculoso" (idem).

Contrastando as diferentes interpretações de Hannah Arendt e Spinoza para milagre<sup>13</sup>, Virno adota a perspectiva de milagre como uma potente anomalia: um acontecimento surpreendente mas que, ao mesmo tempo, já vinha sendo aguardado, o que remete à idéia da "necessária incompletude que constitui o núcleo central de toda teoria política que refute a benevolência do soberano" (ibidem, p. 287).

Mas, além disso, Virno questiona o que, na sua interpretação, seria uma ambigüidade da colocação de Spinoza de que os milagres representam um poder limitado. No *Tratado Teológico-Político*<sup>14</sup> Spinoza afirma que os milagres referem-se a obras cujas causas naturais não podem ser explicadas ou que não são familiares, pelo menos para quem os relata e que, por esse motivo, através dos milagres não podemos entender nem a existência nem a providência divina. O milagre expressaria, dessa forma, um "poder limitado".

(...) Uma vez que o milagre é uma obra limitada e não expressa nunca mais do que um certo poder limitado, fica claro que deste efeito não podemos concluir a existência de uma causa cujo poder seja infinito (op. cit., p. 176).

Acreditar no milagre como prova da existência de Deus conduziria, segundo Spinoza, à negação de Deus, ao ateísmo. Mas, o ateísmo político,

<sup>13</sup> De acordo com Virno, enquanto que para Arendt milagre seria o inefável, o que não possui raízes, o imponderável, na concepção de Spinoza estaria situado paradoxalmente entre o surpreendente - aquilo que não pode ser explicado pela racionalidade humana - e o esperado - que não deixa de obedecer a uma certa racionalidade.

<sup>14</sup> Spinoza, B. *Tratado teológico-político*. Madrid : Alianza Editorial, 1986. Cap. VI, p. 168-190.

interroga Virno, não seria justamente a característica que define a ação anti-Estado da multidão, ao colocar em cheque o poder soberano e a imutabilidade do constituído? Sim, mas quando Spinoza demonstra que a melhor prova da existência de Deus é a imutabilidade da natureza e não o acontecimento de milagres, ele desafia o Estado Teocrático, o qual conferia aos milagres descritos nas Escrituras um estatuto de verdade: os milagres seriam a prova irrefutável do prodigioso poder de Deus e a aceitação dos milagres pelos crentes daria a medida de sua devoção, de sua fé e de sua submissão ao poder dos governantes.<sup>15</sup> Por defender e sustentar essas idéias Spinoza foi excomungado pela ortodoxia religiosa judaica, caiu em desgraça entre os protestantes e judeus convertidos e o *Tratado Teológico-Político* foi banido pelo seu teor herético.

Podemos, além disso, analisar o milagre não apenas enquanto acontecimento (real ou imaginado), mas como discurso (um discurso político), idéia reforçada pela análise histórico-crítica de Spinoza e sua conclusão de que os episódios insólitos descritos nos textos sagrados como miraculosos têm mais a ver com a imaginação dos homens do que com os desígnios de Deus.<sup>16</sup> Se os milagres ressaltam que os homens incorporam em suas narrativas seus próprios julgamentos e opiniões, apontam também para a necessidade de se interpretar os relatos dos milagres à luz do contexto histórico e psicológico de seus autores, já que muitas das coisas que são contadas nas Sagradas Escrituras são expressão da imaginação, das possibilidades e das representações daqueles que viveram os acontecimentos considerados miraculosos. A fuga dos hebreus do Egito, descrita nas Escrituras como um milagre - o mar se abrindo para dar passagem aos judeus, fechando-se, em seguida, sobre seus perseguidores - poderia ser aproximada metaforicamente à definição de Virno para o Êxodo: a saída em massa do Estado,

<sup>15</sup> "Na medida em que o Estado hebraico era uma teocracia, nele o discurso religioso era imediatamente discurso político e é a esse gênero de discurso que pertence o relato do miraculoso" (Chauí, M. *A nervura do real*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 203).

<sup>16</sup> Em *Espinosa, uma filosofia da liberdade* (São Paulo: Editora Moderna, 1995), Marilena Chauí assinala que a imaginação, no sentido filosófico empregado no século XVII, significa uma sensação perceptiva "um conhecimento sensorial que produz imagens das coisas em nossos sentidos e em nossos cérebros. Com essas imagens representamos as coisas externas e supomos conhecê-las, mas, na realidade, estamos conhecendo apenas o efeito interno (as imagens) das coisas exteriores" (p. 34).

uma aliança entre o *general intellect* e a ação política e um movimento em direção à esfera pública do intelecto.<sup>17</sup>

O milagre teria assim a dimensão de uma representação - ancorada na idéia de exceção, anomalia - que Virno diz ser de importância fundamental quando se transforma em ação política da multidão. "Insurreições, deserções, invenção de novas organizações democráticas, aplicações do princípio do *Tertium Datur*: eis o princípio dos Milagres da Multidão e esses milagres não cessam mesmo que o soberano os tenha proibido" (Virno, op. cit., p. 286). No sentido de um discurso sobre acontecimentos inusitados que não deixaram de ter causa natural (apenas foram esquecidos como coisas naturais, como ressalta Spinoza), a narrativa do milagre representa ao mesmo tempo ruptura com a ordem constituída e abertura para um plano virtual de possibilidades, convergindo com a idéia de resistência como re-existência da qual falamos anteriormente.

### Exílio

"A unificação de proximidade e distância envolvida em toda relação humana organiza-se, no fenômeno do estrangeiro, de um modo que pode ser formulado da maneira mais sucinta dizendo-se que, nesta relação, a distância significa que ele, que está próximo, está distante; e a condição de estrangeiro significa que ele, que também está distante, na verdade está próximo, pois ser um estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva: é uma forma específica de interação."

G. Simmel, O Estrangeiro

Psicanalistas, psicossociólogos e estudiosos da subjetividade têm destacado o fato de que a produção de si está intimamente relacionada à questão da alteridade, da interação com o outro. No caso específico da migração, a experiência da alteridade ocupa um lugar fundamental. Ademir Pacelli, por exemplo, diz que "a construção da categoria do migrante só foi possível a partir do surgimento e da constituição de diferentes olhares e de um olhar da diferença".<sup>18</sup> A experiência do migrante mobiliza uma série de reflexões em

<sup>17</sup> VIRNO, Paolo. "Virtuosity and Revolution", p. 267.



torno da opção de saída, que envolve não só o migrante em sua tomada de decisão singular, mas toda uma rede de relações e dinâmicas que vão sendo estabelecidas a partir deste movimento. Segundo Pacelli, a experiência do migrante, seja ele retirante da seca ou nômade do deserto, diz respeito também a nós. No limite, poderíamos pensar que somos todos um pouco migrantes e estrangeiros. Migrantes por estarmos continuamente experimentando e testando as inúmeras possibilidades de existir e porque a constituição da nossa subjetividade passa, muitas vezes, por rupturas e decisões de saída. E estrangeiros enquanto portadores da condição de ser um "outro" para alguém e porque nossas ações, nosso estar no mundo é produtor de diferença.

O migrante que parte para o exílio e vai se tornar um estrangeiro, vai ser um estranho em um outro lugar, será também levado a entrar em contato com esse lado de si mesmo que se encontra meio eclipsado, na sombra: o não-familiar, o sobrenatural, o inconsciente, às vezes ameaçador para si e para os outros. Como ressalta Julia Kristeva,<sup>19</sup> o migrante lança-se numa aventura pontuada por perdas e inquietações, em que o direito à singularidade e à "vontade de viver diferente" precisará ser constantemente reafirmado. "A partir de agora, sabemos que somos estrangeiros de nós mesmos e a partir desse único apoio é que podemos tentar viver com os outros" (op. cit., p. 178).

A aventura do migrante diz respeito a uma decisão de sair que contém, ao mesmo tempo, um sentimento de perda e um agir afirmativo, que se situa entre o sofrimento e a ilusão. A migração, enfim, envolve uma multiplicidade de experiências afetivas e subjetivas que têm a característica de serem concomitantes e não excludentes (embora a migração possa às vezes implicar certas dificuldades de inclusão social).

Além disso, o movimento do migrante é sempre um movimento de dupla composição, de acordo com Abdelmalek Sayad,<sup>20</sup> sociólogo e emigrante argelino que dedicou sua vida ao estudo do fenômeno da migração, sobretudo das trajetórias e movimentos dos nômades *kabila*. O migrante, como observa

<sup>18</sup> Ferreira, Ademir Pacelli. *O migrante na rede do outro*. Belo Horizonte : Te Corá, 1999, p. 23

<sup>19</sup> Kristeva, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro : Rocco, 1994.

<sup>20</sup> Sayad, Abdelmalek. *La double absence. Des illusions de l'emigré aux souffrances de l'immigré*. Éditions de Seuil, 1999.

Sayad, é sempre imigrante e emigrado, alguém que chega para viver em um outro lugar, alguém que desiste de viver em seu lugar, duas faces de uma mesma decisão. Essas duas faces não podem ser dissociadas, estão sempre acopladas, de modo que, apenas por questões analíticas costumam ser consideradas separadamente - políticas, economia e dinâmicas de emigração, de um lado; políticas, economia e dinâmicas de imigração, de outro. O par emigração-imigração é caracterizado por Sayad como "dois discursos que se fazem eco, que são homólogos, por terem sido definitivamente produzidos, todos os dois, segundo os mesmos esquemas de pensamento e as mesmas categorias perceptivas e de visão de mundo" (op. cit., p. 20).

As análises clássicas, segundo Sayad, ao dissociar a imigração da emigração e ao colocar em evidência o lugar do imigrante - a partir da perspectiva de quem acolhe - constituem um dispositivo normativo que não leva em conta as condições de origem dos emigrados, acabando por condenar a análise do fenômeno a uma visão ao mesmo tempo parcial e etnocêntrica. Além disso, a definição do imigrante construída com base na idéia de um trabalhador desempregado que emigrou para deixar esta condição e passar a ter emprego em outro lugar tem ocultado o fato de que toda emigração representa uma ruptura (saída), ruptura com um território e com uma população, uma ordem social, uma ordem econômica, uma ordem política, uma ordem cultural e moral.

Quando a imigração deixa de ser uma imigração exclusivamente de trabalho, ou seja, uma imigração somente de trabalhadores - se é que possa existir uma imigração de trabalho pura - para se converter em imigração familiar (ou em imigração de populações) [...] trazendo implicações bastante mais amplas, assim como os problemas que ela suscita, múltiplos e de tal dimensão que atingem a todas as esferas da sociedade, notadamente a esfera que podemos denominar cultural e política (ibidem, p. 17-18).

Portanto, a dinâmica emigração-imigração tem uma dimensão política. Mais do que a movimentação de um exército de trabalhadores em disponibilidade, mão-de-obra que, uma vez no exílio, vai ser mantida à margem em termos de direitos (sociais, políticos), trata-se da mobilização de fluxos e trocas populacionais, mestiçagem de culturas, inteligências, modos de vida. Retornando a Negri<sup>21</sup> é uma nova dinâmica que se constrói no movimento das populações, que aponta para uma maior capacidade de integração cultural.

Hoje em dia, a temática do exílio se confunde, ao contrário, com a do nomadismo e da mestiçagem: trata-se de levar a sério a um só tempo a presença do proletariado no mercado mundial da força do trabalho, e o fato de que ela se confunde com a mestiçagem dos saberes e, por conseguinte, com essa flexibilidade que aumenta através do trabalho material-imaterial, com essa nova forma de ação e de cooperação no trabalho (op. cit., p. 48).

Além das dimensões do trabalho e da ação política, a dinâmica da emigração-imigração diz respeito a um sujeito que traz consigo toda uma bagagem de hábitos, saberes, disposições afetivas, competências, habilidades, subjetividades e elementos corporais, que serão confrontados, mestiçados e compartilhados com outros. A decisão de migrar refere-se, portanto, às três esferas de atividade - ação, trabalho, intelecto - planos complementares, imbricados e concomitantes da condição humana no trabalho imaterial, no intelecto geral - espaço público e comum de saberes e conhecimentos difusos global e socialmente compartilhados e que escapam a qualquer possibilidade de medida e determinação. É nesse sentido que entendemos que a migração pode ser vista como uma forma de resistência.

<sup>21</sup> Negri, Toni. *Exílio*. São Paulo : Editora Iluminuras, 2001.

### Bibliografia

- ARENDETT, Hannah. The Vita Activa - Labor, work, action. In : Peter Baehr (Editor). *The portable Hannah Arendt*. New York : Penguin Books, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. *Espinosa, uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Editora Moderna, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A nervura do real*. São Paulo : Companhia das Letras, 1999.
- FERREIRA, Ademir Pacelli. *O migrante na rede do outro*. Belo Horizonte : Te Corá, 1999.
- GORZ, A. *L'immatériel. Connaissance, valeur*. Paris: Éditions Seuil, 2003.
- HIRSCHMAN, Albert. *Saída, voz e lealdade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LAZZARATO, Maurizio. *Puissances de l'invention. La psychologie économique de Gabriel Tarde contre l'économie politique*. Paris : Seuil, 2002.
- NEGRI, Toni. *Exílio*. São Paulo : Editora Iluminuras, 2001.
- ROQUE, Tatiana. Resistir a quê ? Ou melhor, resistir o quê ?. *Revista Lugar Comum. Estudos de Mídia, cultura e democracia*. N. 15-16, set. 2001-abr. 2002. Rio de Janeiro, Rede Universidade Nômade.
- SAYAD, Abdelmalek. *La double absence. Des illusions de l'emigré aux souffrances de l'immigré*. Éditions de Seuil, 1999.
- SPINOZA, B. *Tratado teológico-político*. Madrid : Alianza Editorial, 1986. Cap. VI, p. 168-190.
- VIRNO, Paolo. Virtuosity and Revolution : the political theory of exodus. In : Paolo Virno e Michael Hardt (orgs.). *Radical Thought in Italy: a potential politics*. Minneapolis : Minnesota Press, 1995.